

de conhecer o mundo na sua integridade e de se servirem, para esse fim, de algumas máquinas cibernéticas, não para as imitar e perder o sentido do humano, mas, pelo contrário, para ganhar em altura e profundidade.

5. SOBRE AS DROGAS OU O CONHECIMENTO PELOS ABISMOS COM O PROFESSOR W. D. M. PATTON E O DOUTOR ROLAND CAHEN

No antigo caminho que unia Neuilly a Paris, há mais de um século, havia uma oficina de flores artificiais chamada «Os Paraísos Artificiais», nome que o poeta Charles Baudelaire ia tornar famoso como rótulo que podemos aplicar em quaisquer das caixinhas de pós ou ampolas destinados a transportar-nos para fora da vulgaridade, no mais além das drogas. O autor d'*As Flores do Mal* foi, aliás, um dos melhores estudiosos do problema e sustentou em mais de uma ocasião, nos seus escritos, o ponto de vista de que o ser humano é possuído por uma paixão angelical, um «angelismo» como ele lhe chamava, para que convergem, no fundo, todos os vícios. Prova de que o homem tem sede de infinito e, ao querer saciá-la, se enganou no caminho. Isto é trágico, como tantas rotas humanas dirigidas para cima e obrigadas pelo destino, por algo inscrito na nossa trajectória desde os princípios, a acabar no lodo, nos antípodas do paraíso.

Num ensaio publicado em 1858, Baudelaire descreve, pela primeira vez em França, os efeitos do haxixe ou cânhamo-da-índia (*Cannabis sativa*), droga das mais benignas, mas que deu origem, no mundo islâmico, a dois fenómenos extraordinariamente interessantes. Um «mau», o outro «bom», como tudo o que inventamos. De facto, o haxixe foi utilizado por um cabecilha árabe do século x, membro da seita religiosa chamada dos *shítas*, para fanatizar os membros do seu grupo a ponto de cometerem assassinios de tipo político. Hasán Sabh é o primeiro *pusher*, como dizem os ingleses, o agente que fomenta ou conduz à droga, não com fins comerciais, mas político-religiosos. Das malfetorias dos seus homens, possuídos pelo haxixe, deriva a palavra «assassino», introduzida na Europa através do italiano. Mas também sob o efeito do haxixe, arquitectos árabes puderam conceber os minaretes, as colonelas, os repuxos de água diminutos e brincalhões, todo um estilo típico do Islão e que são «visões haxísticas», como lhes chama outro escritor francês, Henry Michaux, no seu livro *Conhecimento através dos (ou pelos) abismos*. O haxixe é tam-